

DEZEMBRO
DE 1968

PUBLICAÇÃO
MENSAL

Estudos

Série M

N.º 25

Com este número terminará a Série M e no próximo número começará a Série M 2.

Esta série, (que é distribuída gratuitamente aos Médicos), tem tido grande aceitação. Pedimos aos Ex.^{mos} Médicos que a queiram receber, regularmente, o favor de nos fazerem a respectiva comunicação.

Psicologia e educação

OS ESTUDOS — SÉRIE M 2

TRANSFORMAÇÕES BIOLÓGICAS E PSICOLÓGICAS QUE PREPARARAM O MUNDO SOCIALISTA. A EVOLUÇÃO DA FORMAÇÃO DAS SOCIEDADES GLOBAIS — X

A RACIOLOGIA E OS PROBLEMAS DO RACISMO — III
O futuro de uma raça — Mestiçagens

O PROBLEMA DOS NEGROS NOS ESTADOS UNIDOS E NAS PROVÍNCIAS PORTUGUESAS

UMA NOVA EPIDEMIA DE GRIPE?

PROBLEMAS DE FILOSOFIA. O PAPEL DA RELIGIÃO E DA POLÍTICA NA FORMAÇÃO DA PERSONALIDADE HUMANA — XIII

A influência do «determinismo» e da «infallibilidade na formação da psicologia. Caracteres dos povos muçulmanos

O DESENVOLVIMENTO FISIOLÓGICO E PSICOLÓGICO PROGRESSIVO DA CRIANÇA ATÉ À PRÉ-PUBERDADE

PUBLICAÇÃO MENSAL

Director — Dr. F. CORTEZ PINTO

Administrador e Proprietário — Dr. HUMBERTO DE MENEZES

Editor — ANTÓNIO J. LEITE SARAGAMO

Redacção e Administração — RJA CUSTÓDIO VIEIRA, 1 ou Apartado 2219 — LISBOA

Composição e Impressão: Soc. Ind. Gráfica — Rua de Campolide, 133-B — LISBOA

Sala 6

Est. 1219-10

Tab. 59

N.º

SEMPRE QUE O MÉDICO RECEIE

os efeitos da

Cortisona e seus derivados

no tratamento em reumatologia, em dermatologia, em oftalmologia, nas doenças alérgicas, na asma brônquica, etc., pode substituí-los pela

Probasona

porque a margem de segurança, que se reflecte na eficácia total e baixa os efeitos secundários, lhe confere uma facilidade e segurança de manejo, que nenhum outro corticosteróide possui.

Para avaliação da actividade terapêutica, indicam-se as correspondências de 1 comprimido de **PROBASONA** 0,6 mgrs. com outros corticosteróides.

0,6 mgrs. de Probasona equivale a

25 mgrs.	de cortisona
20	» de hidrocortisona
5	» de prednisona
5	» de prednisolona
6	» de metilprednisona
1	» de dexametasona

VÊ-SE POIS, QUE A PROBASONA É INCONTESTAVELMENTE O ESTERÓIDE ADRENOCORTICAL MAIS ACTIVO ATÉ HOJE UTILIZADO NA CLÍNICA.

NOVEMBRO
DEZEMBRO
DE 1968

PUBLICAÇÃO MENSAL

Estudos

Série M

N.º 25

Director — Dr. F. CORTEZ PINTO

Administrador e Proprietário — Dr. HUMBERTO DE MENEZES

Editor — ANTONIO J. LEITE SARAMAGO

Redacção e Administração — RUA CUSTÓDIO VIEIRA, 1 ou Apartado 2219 — LISBOA

Composição e Impressão: Soc. Ind. Gráfica — Rua de Campolide, 133-B — LISBOA

Psicologia e Educação

Os Estudos — Série M 2

Com este número, termina esta Série. A Série M 2, começará com o próximo número.

Os «Estudos» não têm a pretensão de ser uma «revista de medicina», que todos os médicos têm à sua disposição, quer de sociedades científicas estrangeiras, quer do nosso país.

Os «Estudos» são uma «revista para-médica», que se dedica ao estudo de problemas de psicologia, de fisiologia e de educação, quer no homem, quer nas sociedades, e ainda a problemas de higiene e de exercícios físicos e desportos, não na parte técnica, mas no sector ligado à defesa da saúde.

Como a Série M, já não está completa, por se terem esgotado alguns números e muitos Srs. Médicos, têm empenho em possuir séries completas, deliberámos iniciar uma nova série, da qual reservaremos sempre alguns números para satisfazermos os pedidos dos médicos que querem ter a série completa.

Podemos felicitar-nos pela nossa iniciativa da publicação da Série M dos Estudos, pois as cartas que temos recebido de muitos Srs. Médicos, demonstrando o seu interesse pela publicação e requisitando a assinatura, têm-se elevado de tal forma que, tendo principiado por uma pequena tiragem de cada número, já hoje os assinantes se aproximam de 3.000.

Realmente o conhecimento dos problemas de psicologia, fisiologia, sociologia e educação, bem como os de divulgação de conhecimentos gerais sobre medicina e higiene, interessam de tal maneira o público, que, principiando pelas grandes revistas internacionais, até aos jornais diários, grande número deles inserem artigos sobre aqueles assuntos.



Os inquéritos feitos em vários países, especialmente em França e na Suíça, sobre o efeito dessas publicações em relação com a frequência das consultas, concluíram que, ao contrário do que a princípio se supôs, a difusão de conhecimentos médicos desperta o interesse pela conservação da saúde e alerta muitas pessoas, o que teve como *conclusão do inquérito, que essa propaganda aumentou muito o número das consultas e de solicitações aos médicos para requisitarem radiografias, análises, etc.*, e incitou muitas pessoas a fazerem periodicamente consultas sobre a evolução do seu organismo, sobretudo quando já tenham qualquer carência ou anormalidade.

Entre os médicos, o conhecimento mais desenvolvido da psicologia aumenta os conhecimentos sobre psico-somática, que é a base da investigação clínica.

Proseguimos pois a publicação dos Estudos, convencidos de que eles interessam a Classe Médica e, enviando, de vez em quando, números dos «Estudos» aos Ex.^{mos} Médicos, teremos muito prazer aos que nos comuniquem que os desejam receber regularmente, inscrevendo-se como assinantes.

TRANSFORMAÇÕES BIOLÓGICAS E PSICOLÓGICAS QUE PREPARARAM O MUNDO SOCIALISTA

A EVOLUÇÃO DA FORMAÇÃO DAS SOCIEDADES GLOBAIS

X

Depois de um longo estudo, biológico e psicológico, da evolução das sociedades, em especial nos povos eslavos, estudámos no último artigo o «Fixismo ideológico e o mobilismo das mentalidades», os «Fundamentos psicossomáticos da sociabilidade animal e humana» e da «Passagem da *microsociologia* para a *macrosociologia*», estudo que vamos continuar com o «estudo histórico da formação dos primeiros tipos de sociabilidades globais», para depois chegarmos ao socialismo actual.

Todos estes estudos, como atrás dissemos, são baseados em elementos colhidos no estudo profundamente realizado pelo Professor G. Dingenans, de Lausanne, durante uma longa visita à Rússia europeia e asiática e que foram publicados na revista «Medicine et Hygiene» de Genève.

Formação dos primeiros tipos das sociedades globais

Por entre os variados tipos de sociedades globais primitivas, estabelecidas a partir das suas estruturas e mesmo ultrapassando-as para

chegar aos fenómenos sociais totais, baseando-nos sobre a classificação de Gurvitch, temos de considerar:

1.º — **Teocracias carismáticas** que têm o seu mais alto expoente numa entidade, que representa em conjunto a noção de «Rei-Padre-Deus vivo» (em que o Rei pode ser eventualmente substituído por uma Rainha).

São sociedades que, a seguir às populações proto-históricas e até às primeiras civilizações antigas (Assíria, Babilónia e Egipto) souberam estabelecer a periodicidade do tempo e, como consequência, fixar para os seus povos os pontos de espera, no espaço e no tempo e fundar uma «história tradicional» evolutiva, episódica, e não sômente uma tradição simples de ritos e de crenças situadas fora do tempo, como era próprio das colectividades primitivas. Assim, as *Igrejas-Estados* foram capazes de conceber o futuro, como uma dimensão virtualmente viva no presente e deram um «sentido» à ideia de «projectos», à noção de «obras futuras» a executar neste mundo ou mesmo para além da morte, na imortalidade.

2.º — **Sociedades patriarcais** — Estado social em que a autoridade do pai de família (ou das mães, no caso de «matriarcado») era absoluta e a única existente. Pode dizer-se que as *sociedades bíblicas* se desenvolveram a partir deste conceito, ligado ao da transmissão do poder pela hereditariedade. Estas sociedades levaram à organização das

3.º — **Sociedades feudais** — Sabe-se que o feudalismo fundou a sua política sobre a formação de privilégios exclusivos para os proprietários, transformados em Senhores dos servos-aldeões. Mas a importância das concessões variavam muito de um beneficiário para o outro e como cada território corria o perigo das incursões e das pilhagens inimigas, os suzeranos mais fracos tinham de pagar tributos ou de alienar certos direitos em favor de Senhores mais poderosos, em troca da sua protecção, assegurada por contratos, tornando-se assim seus *vassallos*. Outros senhores, mais modestos ainda, podiam recorrer a estes últimos, tornando-se seus *subvassallos*; desta maneira, a parte mais baixa da escala social era composta, desde os servidores inferiores, até aos nobres subordinados ao seu príncipe ou ao seu rei, cuja segurança era assegurada pelo privilégio dos poderosos disporem de um exército fornecido por todos os seus súditos. Pode pois conceber-se o **regimen feudal** como uma hierárquia regular em que todas as terras ou todos os homens dependiam de um outro homem.

Com a «servidão» tinham desaparecido todas as distinções estabelecidas entre os indivíduos das classes inferiores, da mesma maneira que com as *nacionalidades*, que fizeram desaparecer, a pouco e pouco, as várias hierárquias feudais, pois que o *feudalismo* se tinha tornado uma organização extremamente vulnerável. O meio, muito limitado, era propício a todas as formas de ciúme, de intriga, de egoísmo e de lucro, a favor dos mais poderosos e à custa dos mais fracos. O *feudalismo* con-

dicionava uma mentalidade que baixava o valor ético para um nível inferior ao que caracterizava as sociedades mais antigas.

No entanto, estes hábitos estavam de tal forma arraigados nas populações europeias e, mais tarde, em outros povos, africanos, japoneses, etc. que o feudalismo pôde ainda resistir até à Revolução de 1789 que, com a grande Revolução Industrial, modificou por fim todas as estruturas demográficas e sociais.

A seguir às sociedades feudais, formou-se uma nova organização social das

4.º — «Cidades-Estados» tornadas em «Impérios» — Se estes tipos de sociedades a que nos referimos precederam cronologicamente a estrutura social da «Idade-média», podem considerar-se, sob o ponto de vista de perfeição política, como muito superiores aos estados precedentes (Grécia e Roma). É nestas organizações que se pode expandir o *instinto polemogéneo (combativo)* do género humano, o *sentimento ético do patriotismo*, o conceito da *nacionalidade*, acima dos grupos étnicos, das raças e das classes sociais componentes e o *desejo de expansão humana e cultural* à escala planetária.

É nesta ascensão que se desenvolvem a ciência da psicologia das multidões, o espírito colectivo, a complementariedade das funções e dos trabalhos (perfeitamente concebida pelos filósofos gregos) e a força das leis (estabelecidas anteriormente no direito romano).

O «milagre do humanismo racional antigo consistiu precisamente, como afirma Gurvitch, em primeiro lugar na possibilidade de esta estrutura se mover no tempo, avançando sobre si própria, de maneira a transformar a «ideia do futuro» na «realização presente».

Nos modelos e regulamentos sociais desta estrutura, na acção do «Estado-Cidade-Império», é posta em relevo a sua sorte futura. Nas lutas políticas e sociais, bem como nas reformas das estruturas da Grécia Antiga ou da Roma republicana e imperial, como das grandes realizações marítimas e militares, intervém sempre o tempo, em que o presente é projectado no futuro e o futuro projectado no presente, isto é, o *presente* e o *futuro* interpenetram-se deixando para trás o *passado*, sem desaproveitar as suas lições.

Esta situação põe em relevo a grande importância do factor da «influência secundária», faculdade essencialmente humana, que permite à consciência individual, bem como à consciência colectiva de um povo, tornar-se em uma consciência de uma nova dimensão do universo.

Se o homem primitivo era já capaz de confundir a memória do passado com um presente sempre vivo, a operação mental de considerar o futuro como uma força que o homem poderá dominar e utilizar como um bem próprio ao seu desenvolvimento, cria o conceito de uma nova dinâmica do tempo, factor imperiosamente indispensável à sobrevivência coerente de qualquer tipo de sociedade, quer antiga, quer contemporânea.

As bases psicossomáticas da sociabilidade

O sociólogo francês G. Gurvich, analisando os elementos psicodinâmicos de cada agrupamento de povos, ou seja, de cada sociedade, ou ainda de cada classe social no meio destas sociedades, conclui que as transformações variam com o carácter dos grupos; cada um deles (trabalhadores, agrícolas ou industriais, burgueses, religiosos, etc.) vai fazendo a integração social em escalas e tempo diferentes.

Daqui se pode concluir que, mesmo vivendo em conjunto ou nas proximidades uns dos outros, os grupos étnicos, as classes sociais, os organismos religiosos e mesmo as categorias profissionais, ainda que dependam uns dos outros, se completam entre si, apesar de se manterem em concorrência e competição para a conquista da «força-futuro», de que cada um se deseja apossar, para a modelar segundo as estruturas do seu próprio temperamento, conjugadas com a personalidade já adquirida; as liturgias e os governos marcam já uma época precisa, no futuro, para efectuar obrigatoriamente uma actividade religiosa, patriótica, administrativa, reformas sociais, etc., procurando assim satisfazer as necessidades espirituais e económicas dos vários agrupamentos, mantendo-os tanto quanto possível presos à esperança dessas realizações.

Este relativismo biológico, na dinâmica do «espaço-tempo», forjado artificialmente no *Eu* consciente de cada indivíduo, em relação à colectividade dominante à qual está assimilado, faz melhor compreender os antagonismos essenciais à luta de classes, um estado intrínseco da divisão humana, para estabelecer a união entre os humanos.

Uma situação em que se excitam os ódios, os ciúmes, as vinganças, os desejos de destruir os outros, aniquilando-os ou matando-os, dá origem à criação de leis macrosociológicas, capazes de determinar uma desumanização do ser, constringido a sobreviver dentro de um grande conjunto de homens, em oposição com o equilíbrio psicossomático essencial ao pequeno grupo primitivo, que era regulamentado pelas leis muito mais simples da microsociologia.

Sistema «igualitário» e ambição humana

A doutrina, segundo a qual não devia haver na sociedade, nenhuma espécie de desigualdade, só nasceu com a grande revolução industrial da Europa Ocidental e só foi logicamente definida nos escritos de E. Engels e de Karl Marx.

No conceito histórico, materialista, da hostilidade e da luta irremediável das classes, nunca foi possível demonstrar que a ideia de um nivelamento das tarefas, dos deveres e dos poderes de cada um fosse essencial

para a «consciência colectiva primitiva» No entanto, é certo que nas comunidades primitivas, as forças produtivas do trabalho colectivo, ignoravam a «exploração do homem pelo homem» e respeitavam a repartição igualitária dos produtos.

As tribos pre-históricas conheciam obrigatoriamente a divisão natural do trabalho, em relação com a idade e com o sexo. As sociedades primitivas contemporâneas mostram que, mesmo nos regimes do direito paternal e do direito maternal, existem hierarquias instintivas dos indivíduos, que se manifestavam pela supremacia de um sexo sobre o outro, do mais velho em relação ao mais novo, dos vários graus de parentesco e dos privilégios atribuídos ao chefe e à sua família, ao comité dos anciãos, ao feiticeiro ou ao padre, etc.

Semelhantemente à sociabilidade que se observa em vários animais no estado selvagem, o *equilíbrio biológico* de um grupo parece ser condicionado, não pela egualdade dos poderes dos indivíduos entre si (o que poderia conduzir a um estado de anarquia) mas à autoridade de personagens predispostos ou predestinados para funções de comando. As pessoas, não só parece reconhecerem automaticamente as qualidades do chefe, mas também favorecem voluntariamente o estabelecimento de privilégios materiais e espirituais, atribuídos ao seu chefe responsável; parece que admitem igualmente e voluntariamente uma certa proporção nas vantagens atribuídas aos que ocupam lugares intermediários entre eles e o chefe, em relação com a respectiva situação hierárquica.

Pode ainda verificar-se que na evolução psicológica das massas populares, estas foram conduzidas a formar, e depois a respeitar, um absolutismo, real ou imperial, ou mesmo religioso, nos faustos e riquezas concedidos ao trono ou mesmo à memória dos chefes falecidos; estas noções servem de meio de transferência das *consciências individuais*, para a formação de uma *consciência colectiva*, orgulhosa da sua força, simbolizada pelo esplendor dos seus templos e dos seus palácios.

É próprio da condição humana, o desejo de transferir os seus desejos para *imagens-ficções*. O homem delicia-se muitas vezes em representar uma comédia, como actor, ou mesmo vivê-la, como simples espectador; mesmo na escala da sua sociedade, na realidade material da sua existência, ele exige do seu rei, dos seus dignatários ou dos seus chefes, o decoro e o papel, às vezes fictício, que lhes for atribuído na cena da vida.

Nesta ordem hierárquica natural e no interior das suas consciências, o que predomina no instinto de ambição, não é uma ideia de massacrar os seus superiores e todos os privilégios do regimen, nem sequer de transformar o mundo até um *nivelamento completo por baixo*, mas pelo contrário, o que surge do egocentrismo constitucional de cada um é *um desejo intenso de aceder até esses privilégios, de se tornar, ele mesmo, um chefe, um senhor, com autoridade sobre os subalternos*, pois que, nunca

se poderia conceber uma sociedade unicamente composta por senhores poderosos e ricos, mas sem servidores, para assegurarem os trabalhos, próprios e da colectividade.

No próximo artigo continuaremos este estudo em que procuramos demonstrar, cientificamente, que a igualdade entre os homens é um mito, que nem as sociedades humanas antigas, nem as sociedades mais avançadas procuraram realizar, mas que serve, como *slogan*, para propaganda de princípios em que, honestamente, nenhum dos propagandistas acredita, a não ser os ingénuos ou ignorantes.

Este estudo é feito, desapassionadamente, baseado em factos de observação, não só através da história, mas conjugando-as com a observação pessoal feita nas sociedades socialistas modernas, na Rússia e satélites e na China. É interessante verificar como os sistemas Ocidental e Oriental se estão estudando mutuamente, nos sucessos e insucessos de cada sector, para melhor poderem actuar no futuro. Continuaremos o estudo com o problema do «Antagonismo e a complementariedade das classes» e dos vários factores da «segurança individual e colectiva».

A RACIOLOGIA

e os problemas do «racismo»

III

Nos dois artigos anteriores e no desenvolvimento do estudo deste problema que traz os homens e as nações tão divididos, ocupámo-nos da «Definição da raça humana», do «Facto racial», da «Expressão dinâmica da Raça», da «Seleção racial» e das «Raças e escolha do meio». Vamos continuar este estudo com

O Futuro de uma raça

O futuro das raças é condicionado pelos cruzamentos de indivíduos das várias raças que, como declara Gobineau, «geram qualidades, novas e especiais». As qualidades superiores de cada uma das duas raças, encontram-se frequentemente para darem à luz indivíduos incomparavelmente melhores, do que os que saem de uma ou da outra raça».

Por outro lado, a fusão entre dois povos, é frequentemente seguida de um aumento numérico da sua taxa de fecundação; são maiores as probabilidades de criar tipos de elevado valor mental, que serão os grandes educadores da nova etnia.

F. H. Hankins conclui (no seu livro «La Race dans la civilisation») que «A questão do papel da raça, como factor cultural, é acima de tudo um problema do género de combinação racial que, por um jogo ainda misterioso, se acha colocado entre as conjunturas favoráveis ou desfavoráveis à expansão da civilização. Tanto em política como nos negócios, há um elemento considerável da sorte, que suscita condições favoráveis a um indivíduo».

Esta conclusão, de Hankins, que faz entrar o acaso ou a sorte, ou qualquer lei ainda desconhecida, da comunhão de raças, representa um grande «indeterminismo» sobre o encadeamento dos acontecimentos históricos. Se a evolução da espécie humana não é tão mecanista como a das espécies animais é pela razão de o ser humano ser dotado de vontade, a tal ponto, que a vontade de um só chega para mudar o decurso do destino das massas. Escolhendo «voluntariamente» a sua mulher, um homem pode criar uma nova raça humana; e é a esta vontade, favorável ou desfavorável, que se devem talvez as diferenças raciais do género humano, pelas misturas dos primeiros homens com diversos tipos antropomorfos (Dingemans — Formação e transformação das raças).

Aceitando uma limitação das raças pré-históricas, determinadas geneticamente, o conceito moderno da raciologia é inseparável dos processos das mestiçagens, da definição diferencial das etnias.

Vamos, a seguir, estudar os problemas da raciologia, ligados à mestiçagem e ao processo evolutivo da formação dos caracteres nacionais.

Mestiçagens

No seu livro «Estudo sobre a desigualdade das raças humanas» Gobineau, tinha já entrevisto a importância da mestiçagem como factor condicionador das civilizações e dos grandes mecanismos da história. Conferia aos Arianos o privilégio de serem o «elemento construtivo», dizendo: — «Sempre que o sangue ariano se mistura com sangues estranhos, deu-se um passo brilhante na evolução dos homens. Mas se a civilização se desenvolve com a mestiçagem, ela morre quando o elemento ariano que forma a classe dirigente fica demasiadamente misturado com a população restante e quando a fusão dos sangues produziu um composto estável e estéril.»

Tudo se passa como numa reacção química; o ácido ariano em contacto com uma base (qualquer das outras raças humanas) produz uma reacção, uma mistura ou uma chama — é isto, a «civilização». Quando a reacção termina, a civilização deixa de progredir; fica um *sal neutro*.

Desta atitude, «racista», mas já «racionalista», do século passado, podem aproximar-se as observações mais sintéticas de um autor moderno, A. Dauzat (citadas na Europa Linguística, pág. 11): — «A pureza de uma raça não é desejável; pelo contrário, os grandes povos são os

mais mestiçados, tais como os Ingleses, Franceses, Portugueses, Espanhóis e Alemão e também os Russos, que são uma amálgama de Eslavos, Bálticos, Fineses, Mongóis e ainda de elementos pré-históricos desconhecidos».

São os cruzamentos das raças que renovam a vitalidade física e intelectual das sociedades humanas, que lhes trazem novos elementos de diferenciação e de variedade. Pequeno ou grande, o agrupamento que se isola está condenado, mais cedo ou mais tarde, por um estiolamento fisiológico e moral, proveniente do imobilismo. É o caso das antigas aldeias, das montanhas em que as pessoas só se casavam entre si e onde era abundante a percentagem de cretinos e de pessoas com papeira. Em um plano mais vasto, um dos elementos indo-europeus, que ficou mais puro, foi o dos lituânios, que ficou sem literatura própria, há muitos anos e perdeu a força de expansão cultural, dos povos que os cercavam; o exemplo dos albaneses não é menos demonstrativo.

Na falta de uma fusão genética integral, a resultante polivalente de uma confederação de etnias e de variadas culturas pode produzir o mesmo resultado no plano da psicologia individual e, depois, da psicologia colectiva. A Confederação Suíça é um exemplo claro; uma nação de paz, de harmonia e de disciplina, sendo composta de três povos diferentes, cada um proveniente do cruzamento de várias raças.

No plano individual pode-se admitir, no homem, ao lado de uma mestiçagem biológica, uma mestiçagem puramente psicológica, considerando que um mesmo cérebro pode assimilar, por aprendizagem e educação, as mentalidades de duas etnias diferentes, como nos casos da bilinguismo, desde que as duas influências sejam equilibradas ou complementares e a resultante, que delas deriva, seja compatível com as predisposições constitucionais naturais do indivíduo.

Em uma escala, 33 vezes superior à da experiência técnica da Confederação Suíça, os Estados Unidos da América realizam uma situação híbrida, entre uma confederação de antigas nacionalidades e de meios religiosos tradicionalistas variados e uma mestiçagem pan-europeia, em uma base enorme. Apesar das incompatibilidades heterogêneas que trouxeram, pelo problema de raças de cor, não se pode negar que esta projecção de uma «Europa Sintética», só encontre uma concorrência científica e tecnoerática nos soviéticos que, por seu turno, realizam igualmente nas percentagens de raças um fenómeno semelhante ao dos Estados Unidos.

Mestiçagem e caracteriologia mental

Pode-se aproximar a caracteriologia mental da caracteriologia geral da raça, porque a hereditariedade dos caracteres psíquicos, bem como a dos componentes de temperamento, está perfeitamente estudada.

A mestiçagem pode igualmente exaltar certos caracteres psicogénios e ainda criar novos, especialmente no cruzamento de pessoas da mesma cor. Na verdade, a sensibilidade neurotónica (emotividade), hipertrofiada no seio das raças modernas (extrovertida nos mediterrâneos ou, por exemplo, introvertida nos japoneses) não podia ser compatível com o auto-comando dos caçadores pré-históricos, para lhes poderem assegurar a vida.

Há autores que são de opinião que «todos os cruzamentos determinam um aumento da vitalidade dos produtores em comparação com as dos pais». Os cientistas americanos designam-a por «heterose» ou «hybrid-vigor».

A estimulação provocada pelo cruzamento manifesta-se nos caracteres somáticos e psíquicos; anatómicamente, maior estatura, a exaltação de certos caracteres dos pais, uma fecundidade fisiologicamente aumentada e maior resistência; psicologicamente, um grau superior de inteligência. Quando mais cruzamentos houver em uma sociedade, mais ela contribui para acelerar e transformar uma civilização.

Foram incontestavelmente raças superiores, a grega, a romana e, actualmente, as nações Europeias e os Estados Unidos da América, povos muito cruzados. Pelo contrário, os «povos primitivos», a quem o isolamento conserva sem misturas, conservam sociedades de tipo inferior e as civilizações evocam as etapas pré-históricas ou históricas das nações que hoje atingem um alto grau de civilização. Desenvolveremos este estudo, em relação ao povo português, num próximo número.

Pode falar-se de um «impulso civilizador» depois da fusão de duas ou várias etnias diferentes. Nós preferimos a designação de «etnia» à da «raça», concebendo que o carácter cultural dos progressos não pode ser atribuído exclusivamente a um elemento biológico (porque as civilizações aparecem geralmente antes que as duas raças em presença tenham tempo de se mestiçar e por vezes os dois povos não chegarão mesmo a misturar-se) mas pode ter uma origem puramente educativa. Assim, um poliglota, tendo contacto com muitas culturas estranhas à da sua própria pátria, pode produzir uma criação genial em proveito de qualquer desses povos estrangeiros.

Como os leitores verificam, este estudo é aliciante; e como temos trocado muitas impressões e incitamentos para o desenvolver, continuá-lo-emos no próximo número, em que estudaremos a «Psicologia racial e mentalidade étnica». o «Retrato Fenotípico», «O carácter nacional e a personalidade de base», a «Nacionalidade e Personalidade», os «Processos fundamentais da formação das etnias», para depois destes estudos, nos demorarmos no da origem e desenvolvimento dos caracteres que distinguem os portugueses.

O PROBLEMA DOS NEGROS NOS ESTADOS UNIDOS E NAS PROVÍNCIAS PORTUGUESAS

O mesmo problema pode ter soluções diferentes conforme o prisma por que se encare. Num boletim do «Banco para o Comércio Suíço — Israeliano», de Junho de 1968, o problema dos negros nos Estados Unidos é tratado, sobretudo nos seus aspectos económicos; transcrevemos parte desse Boletim, por servir de base de comparação entre Portugal e os Estados Unidos, que tanto se esforçam por revoltar os negros das diversas colónias dos vários países e que subsidiam a subversão nas províncias portuguesas, mas que têm considerado os negros no seu país, como pessoas à parte da humanidade. Vamos pois extrair alguns períodos daquele relatório:

A população negra nos Estados Unidos, atinge cerca de 10 por cento da população total e, como está aumentando em um ritmo superior ao da raça branca, os números actuais, de 20 milhões de negros no conjunto de um pouco mais de 200 milhões de americanos, tende a aumentar a proporção.

A princípio, a população negra era constituída somente por escravos; há cerca de 100 anos, em 1860, o Sul contava 3.900.000 negros e já então havia 488.000 libertos, mas sujeitos a várias restrições. Em 1865, uma lei deu a liberdade aos negros, mas não os incorporando com a população branca; ainda que a igualdade perante a lei fosse dada a todos os cidadãos, essa liberdade era puramente teórica, mas subsistiam as discriminações sobre o alojamento, sobre a educação e sobre os empregos, que só eram especiais para os negros, e o tratamento perante os tribunais era inteiramente diferente para os negros e para os brancos.

Cerca do meio do século XIX, os negros eram frequentemente vítimas de actos de agressão colectiva, chamados «Linchagem» ou «Lei de Linch». A multidão, sem qualquer receio de condenação nos tribunais, executava sumariamente os negros, sem julgamento, depois de os terem torturados e mutilados (1).

Interpretando arbitrariamente as leis, os negros foram até há pouco tempo, afastados do direito de votar e impedidos de habitar nos bairros reservados aos brancos; quando a lei lho permitiu, quando alugavam um quarto em qualquer prédio de brancos, estes imediatamente abandonavam as casas em que habitavam; o mesmo sucedia em restaurantes e estabelecimentos de categoria.

(1) A organização secreta do Ku-Klux-Klan, fundada depois da guerra civil, tornou-se no mais importante instrumento de resistência contra a emancipação dos negros. O Ku-Klux-Klan actual, não tem a mesma organização, mas mantém a mesma intolerância para as outras raças e religiões.

Apesar das leis promulgadas, a situação económica dos negros continua precária. Uma das principais razões é a falta dos meios de educação e de aprendizagem suficientes, o que os impede de acederem aos postos mais elevados nos empregos.

O problema do alojamento ainda é importante. A afluência dos negros para os grandes centros, obrigou à construção de bairros de casas de tábuas e latas.

Só uma grande parte da população, que não está ainda verdadeiramente integrada, vive em condições não satisfatórias; torna-se, por isso, evidentemente permeável às agitações demagógicas, como ultimamente se tem verificado; é muito fácil prometer-lhes uma vida melhor, com o fim de obter mais votos para um candidato, ou de os incitar a cometer actos de agressão e violência...

É nesta situação difícil que se debate os Estados Unidos que, apesar dos problemas internos, se empenha em armar os grupos dissidentes e auxiliar as revoluções de negros, mas fora do seu país...

E, em contraposição, como são tratados os negros nas províncias portuguesas?

Em face da lei, não há diferenças; todos os cidadãos são sujeitos à mesma lei. Em face da prática, todos verificam que os nossos pretos são tratados com humanidade; chegamos correntemente a ser amigos, pessoalmente, de muitos e temos a satisfação de conquistar a sua amizade, vivendo assim num clima afectivo, que outros povos não conhecem, nem ninguém pratica nos outros países.

As diferenças entre os homens, não são de cor mas, como em Portugal metropolitano, são apenas de educação ou instrução. Os nossos pretos vivem nos mesmos bairros e muitas vezes nos mesmos prédios dos brancos. A frequência das escolas, desde a mais simples, até às Universidades, é comum, sem qualquer diferença. Nas sociedades várias, quer de classe, desportivas ou patrióticas, não há qualquer discriminação.

O acesso às classes superiores, mesmo na magistratura e no exército, também não têm qualquer diferença.

Tivemos, já há muitos anos e continuamos a ter juizes do Supremo Tribunal, Generais do exército, Professores das Escolas Superiores, Directores de Hospitais, de Bancos, etc., oriundos das nossas antigas colónias, hoje «províncias ultramarinas» sem qualquer discriminação de cor ou de religião.

Os pretos que vivem nas grandes cidades ou na Metrópole sentem-se na «sua casa» e têm o prazer da vida em comum, de todos os portugueses.

Quando os extremistas internacionais prepararam em 1961, a grande invasão de Angola que, comandada do exterior, chegou até Luanda, muitos pretos, simples, aderiram sugestionados pelas falsas promessas; a resistência foi rápida, feita por brancos e pretos ligados pelo mesmo patriotismo; alguns pretos aliciados foram empurrados até à República

do Congo, de onde tinham partido; ali passavam privações e fome, a contrastar com a abundância e até riqueza que até ali alguns tinham tido, proprietários de roças de café e outras culturas; mandaram pessoas a pedir clemência e, como os considerávamos crianças mal aconselhadas, não só lhes perdoámos, como lhes reentregámos as suas fazendas, voltando assim à sua antiga abundância e bem-estar. Tornaram-se os maiores inimigos dos que os tinham mal aconselhado e muitos inscreveram-se nos batalhões de patriotas, ou anexos às forças de defesa, tornando-se os nossos melhores auxiliares na defesa do património comum, e hoje combatem entusiasticamente ao nosso lado, contra os terroristas, que consideram os seus piores inimigos.

Se o leitor pensar nos contrastes de processos, nossos e dos Estados Unidos, concluirá que nós é que somos verdadeiramente amigos dos pretos, o que é uma verdade e que estamos trabalhando com inteligência prática, para melhorar o seu futuro e das províncias que administramos, cujo progresso económico, em qualquer delas, se evidencia de ano para ano, promovendo o progresso social de todos os pretos, cada vez mais portugueses.

Os desapaixonados têm concluído que *«o sistema português» é o mais inteligente e prático para se conseguir a evolução e felicidade dos pretos da África, procurando um melhor entendimento entre os homens, de qualquer cor ou religião e contribuindo assim para a paz no mundo, não como uma frase, tanta vez dita pelos outros, mas como uma afirmação que orgulhosamente temos o direito de proclamar.*

CURIOSIDADES

Aumenta assustadoramente o número das pessoas que sofrem dos nervos, em todos os países:—A confirmar esta situação, o «Diário de Notícias», de 2 de Junho, sob o título «Um inglês, em cada três, sofre dos nervos», comenta as conclusões do congresso de neurologistas de *Eastbourne*, que transcrevemos:

Na cidade de *Eastbourne*, sobre a Mancha, realizou-se um congresso de neurologistas que deu resultados alarmantes.—Quase um terço da população inglesa é doente dos nervos—foi a conclusão do congresso.

A esta estatística impressionante, Lord Taylor of Harlow, médico ilustre e par do reino, na sua intervenção no congresso, respondeu: «Não creio que sejamos todos nevróticos. Eu sou-o e sei-o. Mas a maior parte da população não é nevrótica. Se se disser que trinta ou mesmo quarenta por cento dos habitantes da nossa Ilha que sofrem dos nervos, são nevróticos, é um erro. Trata-se de um diagnóstico errado.

Lord Taylor sublinhou, no decorrer do debate, que foi aceso pela frequência das intervenções e pelo contraste dos pareceres, sublinhou que, infelizmente, apenas a pessoa em cada grupo de quinze que sofram dos nervos resolve procurar o médico para se tratar. Milhares de pessoas—observou—vivem num estado de nevrose permanente sem se preocuparem. Os sintomas da doença são um estado de ligeira depressão, a irritabilidade, um medo excessivo e também a insónia. «Trata-se de um estado de anormalidade—precisou—embora em pequeno grau».

(Continua na pág. 596)

UMA NOVA EPIDEMIA DE GRIPE?

Da revista «*Medicine et Hygiene*», de Lausanne, de 6 de Novembro de 1968, transcrevemos o aviso seguinte:

Na sede da Organização Mundial de Saúde, o Dr. Charles Cockburn, chefe da secção de doenças de vírus, informou pessoalmente a imprensa internacional sobre o novo aspecto da epidemia de gripe, que já fez mais de 500.000 doentes em Hong-Kong.

Relatou que o primeiro foco foi assinalado no mês de Julho pelo «Comité Sanitário de Hong-Kong», e que o vírus foi isolado pelo Dr. W. Chang, virologista do Centro de Influenza». O vírus foi enviado para o Centro de Londres, onde o Dr. Helio Pereira, lhe encontrou propriedades diferentes das do vírus A2 e alertou para Genebra a Organização Mundial de Saúde.

Os oitenta centros nacionais que colaboram com a OMS e que estão espalhados por 55 países, foram informados oficialmente da existência desta variante do vírus A2. Os primeiros testes praticados em vários países mostraram uma taxa insuficiente de *anti-corpos* para esta nova qualidade, o que permite pensar que esta epidemia deve propagar-se, pois que não existe imunidade natural adquirida no decurso das pequenas epidemias anteriores.

De facto, esta epidemia propaga-se rapidamente desde Julho. No mês de Agosto, Singapura registava já casos provocados por este vírus e, no fim do mesmo mês já se verificavam novos casos na Malásia, Vietname e nas Filipinas.

Em Setembro, a infecção já atingiu Madrastra, Bombaim, a Tailândia e o norte da Austrália; depois, os barcos de Hong-Kong e do Vietname propagaram a gripe para o Japão e a costa ocidental dos Estados Unidos.

Um exemplo interessante, foi a reunião para o Congresso Internacional das Doenças Tropicais e Malária, convocado para o mês de Setembro, em Teherão, onde apareceu um foco de gripe, provavelmente provocado por participantes que vieram do Sudoeste da Ásia e do Pacífico; espalhou-se depois para outras partes do país.

A propagação rápida da infecção durante dez semanas, por um lado e, por outro, a ausência de uma suficiente imunidade demonstrada pelos estudos serológicos, permite recear a propagação de epidemias importantes de gripe, durante os próximos meses, em vários países.

Por enquanto, a taxa de mortalidade é pequena.

As conclusões de um colóquio aberto sobre este problema na Organização Mundial de Saúde, são que é evidente que apesar de todos os progressos da medicina, não disporemos de vacinas suficientes para

evitar a propagação. A experiência da epidemia de 1957-1958 mostra-nos que será necessário utilizar largamente os antibióticos.

Felizmente, hoje existem meios profiláticos e curativos que não foram empregados na última epidemia de gripe asiática. É necessário aumentar, como medida profilática, desde já, a resistência do organismo contra a infecção, o que hoje se pode fazer passando a tomar, quantidades de vitamina C, possivelmente associada à rutina (Rutinicê Fortíssimo). Quando o doente for atingido pela gripe, temos hoje, felizmente meios de combate pelos antibióticos, que não tínhamos em 1956-57, pois são muito mais enérgicos e eficazes, conseguindo em muitos casos, debelar muito rapidamente o ataque.

A sua aplicação não deve ser aqui detalhada, neste artigo de divulgação de conhecimentos médicos e de psicologia e educação. Deve ser aconselhada exclusivamente pelo médico, que é quem tem a possibilidade de indicar o tratamento mais conveniente, e as doses que correspondem a cada fase da doença.

Novas medicações

enérgicas e eficazes

CONTRA A GRIPE

Penampla

DERIVADO PENICILÍNICO DE ALTA ACTIVIDADE BACTERICIDA, QUE ABRANGE AS BACTÉRIAS GRAM-POSITIVAS E OUTRAS DAS NEGATIVAS, AS SALMONELAS E O BACILO TÍFICO.

DÁ ORIGEM A ELEVADAS CONCENTRAÇÕES NA BILIS E NA URINA.
ACÇÃO RÁPIDA.

Neociclina vitaminada

ASSOCIAÇÃO DE TETRACICLINA A VÁRIAS VITAMINAS. FÁCIL ABSORÇÃO PELAS VIAS DIGESTIVAS; ACÇÃO RÁPIDA.

Instruções e amostras aos Ex.^{mos} Médicos

PROBLEMAS DE FILOSOFIA

O papel da religião e da política na
formação da personalidade humanaA INFLUÊNCIA DO «DETERMINISMO E INFALIBILIDADE»
NA FORMAÇÃO DA PSICOLOGIA

XVIII

Continuamos neste artigo a estudar a influência do Islamismo na formação do carácter dos maometanos.

Este problema não tem tanta influência em Portugal metropolitano, a não ser na influência que teve na formação do carácter dos primitivos portugueses e espanhóis, nos períodos da convivência intelectual entre os vários povos da península onde os árabes tiveram a hegemonia científica e económica, mas tem importância actual nas províncias portuguesas do ultramar, onde em certos lugares (especialmente na Guiné) os muçulmanos vivem em estreito contacto connosco.

Vamos agora ocuparmos de um problema interessante que é o da *psicose do recuamento e desintegração do «Super-Eu»* a que nos referimos anteriormente, e do reflexo que tem na sua actuação política e social.

O choque de um começo de integração das duas civilizações e do papel que as juventudes muçulmanas têm desempenhado nesta transformação, conduziu estes jovens à desintegração do «*Super-Eu*» que tinham criado os *eleitos de Allah*, quando as pessoas começaram a sentir a vergonha do atraso do seu meio tradicional e sentiram a necessidade de entrar no mundo moderno, acordando da letargia em que viviam.

O jovem letrado não quer ser um simples trabalhador; não pode sequer admitir que tem de voltar a trabalhar no campo. As raparigas já não aceitam vestir-se como as aldeãs, nem admitir a escravatura junto a um marido onnipotente. Mas, da civilização ocidental, o jovem letrado, só fixa sempre o pior que ela lhe trás.

Sempre que pode, emigra para a Europa, onde se instala naqueles miseráveis abarracamentos dos trabalhadores estrangeiros, às vezes sem emprego ou trabalhador intermitente, sem poder adquirir os recursos necessários a uma vida normal, mesmo muito limitada; passa a sentir-se triste, saudosos e revoltado; junta-se aos outros, começando a constituir-se uma consciência colectiva, em que se sentem seduzidos pelos vícios do ocidente; começa a intoxicação pelo álcool e pelos estupefacientes, a prostituição reforça a superpopulação, dando origem a uma multidão de jovens miseráveis, sem educação, sem religião, em que os socorros sanitários internacionais se esforçam para conservar a vida.

Mais apto a compreender os discursos, muitas vezes tendenciosos, pela rádio, ou lidos por alguns já escolarizados, um proletariado tornado político, é facilmente conquistado pelos agitadores; bastam alguns agitadores para formar, nesta massa amorfa, uma horda excitada que descarregará toda a sua cólera contagiosa.

Nas explosões destas massas, a pilhagem, os assaltos, mesmo os assassinatos históricos dos seus dignatários, a sua tragédia terminará sob a repressão da polícia ou do exército, a não ser que uma força disciplinada, realista e sem ilusões, evite o choque.

A obstinação encarnçada dos árabes, as ideias fixas que lhes conferem o seu campo de consciência limitado, o desprezo pela morte, santificada em uma guerra santa e a sua resignação para dar esta vida que, como todas as coisas, lhe vêm de Deus, pode justificar a acção dos mais fleumáticos ou dos mais apaixonados. Nos dirigentes actua a depressão psíquica do senhor, apoquentado pela resistência dos seus administrados, tenazes, a quem acaba por ceder; o servidor não é expulso, mas o senhor abandona-lhe uma parte do governo. É a crise psicológica do adolescente que, excedido pela autoridade dos seus pais, decide abandonar a casa e fazer «a sua vida»; de um dia para o outro, a sua consciência acha-se só consigo própria, desamparada perante a complexidade do mundo, em uma competição sem indulgência na luta cruel pela vida. A solução do seu conflito interior dependerá dos recursos da sua *personalidade*, forte ou fraca, e da maleabilidade da sua mentalidade.

Os pais *adoptivos* não podem apreender toda a profundeza do psiquismo e do carácter de um filho já formado em outro meio étnico e espiritual, nem preparar a crise que precede a maturidade biológica.

Determinismo e infalibilidade

O sentido das responsabilidades em numerosos países maometanos é ultrapassado pela concepção tradicional do «teocentrismo».

Quando o Vaticano declara, em certas condições, que o Papa ou o voto de um concílio, são «infalíveis», trata-se de um ponto de crença dogmático, em que o Espírito Santo dirige directamente o pensamento individual do sucessor de S. Pedro ou da colectividade dos prelados. É necessário ainda precisar uma predilecção de uma infalibilidade sobre a outra; foi o que sucedeu, quando o Concílio se declarou contra a designação da Virgem Maria, como «Mãe da Igreja»; o papa Paulo VI rectificou o voto, isto é, que era a mãe espiritual da confraria de todos os fiéis.

Se o intelectualismo protestante, o relativismo das filosofias orientais ou o racionalismo do materialismo ateu recusam o conceito da infalibilidade do papa, considerando-o o abuso mais escandaloso dos privilégios humanos, o homem, no entanto, sofre intensamente com a «dúvida». A psicose da «dúvida», pode desamparar o seu «Eu» e acabar por desintegrar a seu Ideal.

O mundo comunista não seria tão fanático a defender os princípios da sua doutrina, que considera como a mais humanitária, se não tivesse a impregnação subconsciente da infalibilidade da dialéctica. Nem os israelitas nem os protestantes gozariam da serenidade que caracteriza a sua fé, se não considerassem o «Livro» ou a «Bíblia» a palavra incontroversa de Deus. Compreende-se que para o muçulmano, que é um hiper-emotivo secundário, escrupuloso e introvertido, a infalibilidade é o carácter absoluto da sua mentalidade: para eles «O Islão e a única religião perfeita» e, seguindo o seu dogma, o Crente é infalivelmente perfeito na forma como procede; esta suficiência, no sector da vida privada é mais acentuada quando se manifesta através o governo público tradicional.

As estruturas legislativas e políticas do Islão são reguladas por leis de emanação divina; constituem um «ideal sagrado», enquanto que as outras sociedades são regidas por leis de emanação humana (Mohamed Zerrouk). Allah inspira directamente o senso dos crentes e, portanto, o governo é infalível.

As virtudes de um dignitário, o carácter venerável de um velho, a nobreza hereditária de um descendente do Profeta, conferem dons mágicos. Os fiéis não podem examinar as competências nem as capacidades dos seus chefes; é Deus que os inspira.

Governar é prever e, como afirma Raymond Charles, a «imprevidência é a regra no Islão»; os soberanos deixam geralmente os seus súbditos cidadãos ou rurais, vegetar na miséria, mesmo nas ricas regiões petrolíferas, em que os milhões dos senhores são delapidados por alguns príncipes em lugar de ajudarem a melhorar o nível de vida». Mas, para o povo, o seu destino é a vontade do Senhor; pensar de modo contrário é sacrilégio!

O problema da orientação do capital é um dos mais escabrosos. O dinheiro, segundo se diz, é tão mal utilizado no sector público comum, em futilidades ou outras mais aplicações, que, em certos países, podem levar até 95 % das despesas; no sector privado, o árabe, quando não tem a noção do tempo, mete-se com facilidade em aplicações de dinheiro, que o levam à bancarrota, do que tiram proveito os judeus, que são os únicos que podem exercer funções bancárias.

Mas em que condições favoráveis se pode fazer a transformação das massas populares muçulmanas? É um problema de que vamos tratar.

Caracteres dos povos muçulmanos

Vimos em artigos anteriores o milagre que o Islamismo pôde realizar na sua «Idade de Ouro», reunindo em uma mesma alma eufórica e mística, grupos étnicos mais diversos, com classes sociais em que se reuniam os ricos e os pobres. O Islão era o paraíso dos mendigos, dos

cegos e dos enfermos; mas com o relaxamento dos costumes, a atracção dos prazeres orientais e os vícios importados com a civilização de Bisâncio, o orgulho conferido pela energia física trazida com o militarismo viril e sanguíneo da potência otômana, surgiu uma divisão, cada vez mais profunda entre a aristocracia egoísta e o povo ignorado, entre as corporações de ofícios e os concorrentes das mesmas profissões.

A desonestidade e a xenofobia foram-se acomodando com os textos sagrados.

Na época da falsa simbiose com a Europa, a desintegração da filantropia muçulmana transpuz-se para o plano da política moderna, que separa a juventude trabalhadora e a burguezia, os intelectuais apaixonados e os camponeses apáticos, os militares arrivistas e os estrangeiros dos negócios.

Nikita Kruchef declarava: — Os cristãos desejariam que todos os muçulmanos fossem cristãos e os muçulmanos que todos os cristãos se convertessem ao mahometismo e então, porque seria que os Comunistas não desejariam também um mundo inteiramente socializado?

No seio de esta reunião de tantas gentes, cada vez mais complexa, que caracteriza o mundo muçulmano actual, cada grupo desejaria que os outros se adaptassem à sua mentalidade; mas como, com estes temperamentos?

É um grande problema, o da autodeterminação sobre a vida a escolher, segundo os temperamentos hereditários, que podem ou não coincidir com a mentalidade adquirida. É a distinção entre a crença na predestinação dos povos e a da *formação livre e voluntária da personalidade* individual ou colectiva (tal como a concebe a filosofia marxista que rejeita, como princípio, o condicionalismo pretendido, da hereditariedade).

Podemos dar um exemplo típico: — Os aldeões libaneses sofreram durante séculos as invasões dos cavaleiros árabes, que pilhavam os frutos das suas colheitas; passado o desastre, os pacíficos sedentários deitavam-se ao trabalho apesar de saberem que, com todas as probabilidades, os seus esforços não serviriam senão para o alimento diário e para pagar o tributo da próxima invasão; os vales férteis não resistiram às consequências devastadoras destas pilhagens; as colheitas tornaram-se cada vez menores e por fim, os aldeões e os nómadas não encontravam diante de si mais do que um deserto e ameaças de fome.

No entanto, estes aldeões sedentários nunca tiveram o desejo de se tornarem nómadas, a fim de pilharem as colheitas dos vizinhos e, por outro lado, os intrépidos piratas nunca pensaram em aproveitar os seus cavalos para cultivarem as terras à charrua e fixar-se nos campos produtivos.

Da mesma forma, tanto no Oriente como na Europa, um filho de aldeão não podia sonhar que se tornaria um nobre ou um membro de uma corporação de ofício, nem um filho de nobre pensaria entrar em uma profissão burguesa.

Como os casamentos se faziam, durante séculos, entre pessoas do mesmo mundo, é incontestável que cada profissão acabava por fixar mais ou menos certos tipos físicos, de maneira que se podia dizer que cada pessoa tinha a sua profissão na sua cara e no seu corpo. Assim, pode perguntar-se se a mesma profissão ou o mesmo meio social contribuía, durante muitas gerações, para criar uma morfologia particular, ou se seriam os antepassados das pessoas especializadas em um trabalho exclusivo que teriam mais ou menos conscientemente escolhido o género de vida, porque se sentiam predispostos ou, como *fatalistas*, predestinados?

O sociólogo pode classificar o fenómeno de «determinação tradicional»; o biologista, pode perguntar se esta *determinação* é unicamente determinada pelo «fenótipo» da pessoa, isto é, pela resultante anatómica formada pelo seu «genótipo» e o seu desenvolvimento em relação ao meio físico ambiente em que vive, ou se a imposição do meio educativo de um ideal do «Eu» tradicional, obriga o indivíduo a adaptar-se, a bem ou à força, a uma existência determinada.

Da resposta a este problema, dependerá o facto de qualquer, admitir ou de recusar a possibilidade de mudar o carácter ou a sua acção.

No próximo artigo, desenvolveremos este problema.

CURIOSIDADES

(Continuação da pág. 589)

Tanto se encontram doentes de nervos, em igual percentagem, nas cidades novas de construção recente como nas aldeias ou nos velhos aglomerados citadinos, já corroídos pelo tempo e pela humidade. Tudo o que podemos esperar por agora — acrescentou Lord Taylor — é que estes nevróticos «ligeiros» possam continuar a viver relativamente felizes com todos os seus sintomas.

Os participantes no congresso sugeriram que a melhor cura seria estabelecer relações humanas mais calorosas, com todas as vantagens que daí derivam. Também um nível de vida mais alto, sugeriu Lord Taylor, e habitações mais decentes poderiam ter um efeito benéfico. «Para o futuro — disse — todas as casas deveriam ter dois quartos de banho, o frigorífico, a máquina de lavar roupa, a garagem e uma casa de trabalho. Pessoalmente, sou de opinião que a necessidade do jardim se torna cada vez maior. Cultivando flores e legumes podemos ainda encontrar o cansaço salutar do corpo e a paz de espírito».

Lord Taylor desaprovou a mania crescente das casas de vidro. «Os architectos — declarou — deviam deixar de se enfeitar à nossa custa. O vidro é bom para se ver através dele, mas é um isolador pobre, tanto sob o ponto de vista social como físico. Além disso, a vida em família não devia ser demasiado pontual e disciplinada: um litígio de vez em quando é uma válvula de segurança psicológica».

Espraiando-se sobre as diversas formas e os diversos graus de nevrose, Lord Taylor aludiu aos nevróticos mais graves, os psicopatas. Por volta dos quarenta anos, estas pessoas, que são agressivas e irresponsáveis, podem considerar-se acabadas. «Perdem a energia — declarou o cientista — que as torna tão perigosas antes dos quarenta anos. Hitler era o rei dos psicopatas. De certa forma era extremamente enérgico. Mas quando tinha de enfrentar qualquer coisa difícil, tomava-se de uma preguiça intelectual».

À parte as reticências postas por Lord Taylor à estatística oficial do congresso, uma conclusão se impõe: de que a tão decantada fleuma britânica é um mito...

O DESENVOLVIMENTO FISIOLÓGICO E PSICOLÓGICO E PROGRESSIVO DA CRIANÇA ATÉ À PRÉ-PUBERDADE

Temos tratado em vários artigos, de vários aspectos psicológicos tendentes a uma compreensão mais perfeita, por parte especialmente, dos pais e dos educadores, sobre a psicologia da criança, nas várias fases do seu desenvolvimento. Há pouco tempo vimos um artigo de *Tanneguy de Quénetain*, publicado nas «Realités» e transcrito no «Diário Popular», que julgamos ser de muito interesse e que, por isso, transcrevemos, com a devida vénia, daqueles jornais:

Os especialistas dos problemas da infância, psicopedagogos, pediatras e psicanalistas, distinguem unanimemente quatro períodos na evolução da criança. O primeiro vai do nascimento aos dois anos. Neste período, que se chama a etapa da descoberta da mãe, apenas as relações entre a criança e a mãe são determinantes.

Vem em seguida o segundo período, dos dois aos seis anos, durante o qual aparece terceiro elemento, que se insere entre a mãe e a criança: o pai. É a etapa da descoberta do pai, que atinge o seu ponto culminante por volta dos quatro ou cinco anos, com a «crise edipiana», de que falaremos mais adiante.

O terceiro período, dos seis aos doze anos, que é o de escolarização, representa a etapa da descoberta da sociedade.

Finalmente, o quarto período, dos doze aos quinze anos, para os rapazes, dos onze aos catorze, para as raparigas. é o da puberdade. Este período caracteriza-se por uma concentração da criança sobre o seu mundo interior: é a etapa da descoberta de si mesma.

A criança desconhece a mãe — A descoberta da mãe exige, normalmente, oito meses. Até aos três meses, a criança, que vive uma vida puramente vegetativa, está mergulhada num universo indiferenciado, no qual nada se destaca, nem mesmo o rosto da mãe. Por isso, não tem, praticamente, necessidade da mãe, mas de alguém que a ame.

Segundo o professor Mucchielli, o primeiro sorriso, que se manifesta entre a oitava e a décima segunda semana, revela que a criança identificou o rosto humano sem, no entanto, distinguir o da mãe do das outras pessoas.

Em seguida, a criança começa pouco a pouco a diferenciar os rostos, e, aos oito meses, isolou definitivamente o rosto materno. Reconhece-se isso pelo facto de a criança, até então tão sociável, começar bruscamente a chorar quando alguém, que não seja a mãe, a toma nos braços.

No entanto, as relações afectivas da criança com a mãe — ou com o substituto materno — desempenharão um papel decisivo no desenvolvimento psicológico da criança desde os primeiros meses. A psicanálise

revelou que as perturbações psíquicas podiam ter por origem frustrações remontando à «fase oral», isto é, à fase em que a boca é o órgão exclusivo do prazer. A mãe abusivamente protectora, que alimenta e manipula a criança num clima de ansiedade, é tão perigosa como a mãe que a rejeita.

Os psicólogos atribuem cada vez mais a formação de psicoses — isto é, das mais graves perturbações mentais que exigem internamento — às más relações com a mãe nos primeiros anos de vida. A sua causa principal é a impossibilidade de a pessoa atingir a autonomia dos seus desejos. Para poder dizer «eu» é preciso ter sido reconhecido como «tu» pela mãe.

Segundo a escola de Lacan, o primeiro sintoma que revela este reconhecimento manifesta-se por volta dos seis meses, quando a criança, vendo-se num espelho com a mãe, se descobre como uma totalidade distinta do corpo desta. A descoberta do «eu» e a descoberta do «outro» são sempre paralelas.

Todavia, a partir do segundo ano da criança, a mãe deve tornar-se, em certa medida, causa de frustração. Deve começar a dizer «não» e a exigir da criança um primeiro domínio de si mesma.

É esta uma fase que tem muita importância sobre o futuro da criança e das suas relações com a mãe.

Se a mãe não se dominar e não passar a ser, cumulativamente, mãe e educadora, poderá criar complexos para o filho e semeará muitas contrariedades na família.

Para a criança é, evidentemente, uma frustração não ser já autorizada a satisfazer as suas necessidades onde quer que seja, mas é uma frustração necessária e benéfica, desde que se realize um clima de segurança e de amor. Quando este período se vive no drama, pode haver fixação da criança na «fase anual», e isso manifestar-se-á mais tarde pela impossibilidade de separar o prazer do sofrimento, quer seja o sofrimento infligindo a outrem (sadismo) ou o sofrimento autopunitivo (masoquismo)

A criança descobre o pai — Até a criança completar dois anos, o pai apenas desempenha um papel indirecto na sua formação, pela incidência do seu comportamento no da mãe. De resto, até essa idade, a maior parte das crianças chama indistintamente «papá» a todos os homens. O pai representa esse terceiro elemento cuja irrupção entre a mãe e a criança é indispensável para a formação do seu «eu» autónomo.

Sem a presença do pai, o «eu» da criança arrica-se a permanecer fechado numa relação «dual» com a mãe, da qual apenas será o alto-falante. O papel do pai é ser uma personagem «ao mesmo tempo tutelar e exigente, fonte de segurança e de dinamismo» (Mucchielli). Para o rapazinho, o pai é aquele que o inicia ao mundo exterior e, pouco a pouco, o separa das saias da mãe.

Pelos cinco anos, estas relações de três — o pai, a mãe, a criança — provocam uma crise a que Freud deu o nome de crise «edipiana» (Édipo

matou o pai e desposou a mãe). Nesta crise — que é normal —, a criança procura afastar o pai do seu próprio sexo, a fim de se apropriar do outro: psicologicamente, o rapazinho quer ser marido da mãe e a menina, filho do pai. Pouco a pouco, a criança apercebe-se de que tal desejo é irrealizável e, então, em vez de querer afastar o pai do mesmo sexo, procura identificar-se com ele a fim de poder, mais tarde, fazer o que ele fez.

A maior parte das nevroses depende da maneira como se atravessou a fase edipiana. As mais frequentes provêm do facto de a criança ter ficado encerrada na fase da hostilidade ao pai do seu próprio sexo e não ter podido atingir a fase de identificação. Há também os casos de identificação invertida (o rapaz identifica-se com a mãe, a menina com o pai), os quais são a principal causa da homossexualidade.

Quando Freud descobriu o problema edipiano fez escândalo por lhe ter dado um colorido sexual. Contudo, é aos quatro anos que a criança descobre o seu sexo e pode sentir prazer em manipulá-lo.

É a «fase genital» do prazer. A criança interessa-se pelo sexo dos outros, pelas diferenças entre os sexos, e faz perguntas indiscretas. A atitude dos pais não deve ser condenatória e convém que, em certa medida, eles satisfaçam a curiosidade da criança. É nesta idade, especialmente, que se pode dar-lhe noções, possivelmente artificiais, mas lógicas, como nascer as crianças, pode dizer-se que, como as galinhas põem ovos, as mulheres põem meninos...

O papel do pai é tanto mais importante neste período dos dois aos seis anos quando a criança, normalmente a partir dos três anos, deve dizer «eu» e «não». As resistências virão de um ou do outro pai, mas são as do pai as mais impressionantes, pois ele aparece à criança como uma espécie de Deus onnipotente, diante do qual todos devem inclinar-se.

Esta sacralização da imagem do pai decorre do facto de a criança, até aos seis anos, viver num universo mágico, no qual atribui aos outros e até aos objectos o que ela própria experimenta. Estabelece relações com o mundo exterior, mas é incapaz de admitir que os objectos e os seres tenham relações entre si, independentemente dela. A criança confunde ainda o imaginário e o real, e é a época das efabulações que podem ser mal interpretadas por pais pouco perspicazes.

A criança descobre a sociedade — Ainda antes dos seis anos de idade, a criança foi descobrindo pouco a pouco o mundo exterior na frequência do jardim infantil. Mas, aos seis anos, abre-se-lhe a verdadeira escola, aquela em que o essencial é trabalhar e não brincar. Aos seis anos, a criança está no limiar da idade da razão. Adquire a atenção analítica e a possibilidade da generalização, isto é: «a partir desta idade, pode observar dados concretos e tirar deles leis gerais» (Mucchielli). Procura compreender as coisas e os acontecimentos pelas suas causas. Faz a distinção entre sujeito e objecto e apercebe-se das relações entre as coisas.

Certos educadores preferem as teorias de Adler, segundo as quais

este período é aquele em que pode nascer o complexo de inferioridade. A criança descobre-se pequena em presença dos adultos, receia as suas apreciações, e uma atitude excessivamente brutal dos educadores e dos pais no caso de insucessos escolares pode cristalizar na criança o sentimento de que é uma inútil. Segundo esta teoria, é aos nove anos que a criança seria mais vulnerável ao complexo de inferioridade.

A criança descobre-se a si própria — A crise da puberdade divide-se em duas etapas: a pré-puberdade e a puberdade pròpriamente dita. A primeira verifica-se por volta dos onze anos para as raparigas e cerca dos doze para os rapazes. Corresponde ao fim do «período de latência» dos freudianos e é o período em que os instintos sexuais são mais fracos mas em que a curiosidade intelectual está extremamente desperta. É, por isso, a idade ideal da educação sexual, à qual é necessário dar um carácter de objectividade científica. Essa educação deve ser feita pelo pai — ou educador — do mesmo sexo da criança.

A pré-puberdade é também a idade da revolta. Bruscamente, a criança repele a identificação com o pai ou com a mãe e prefere-lhes os heróis da literatura, da história, do desporto ou da canção. É esta a primeira grande manifestação de independência.

Paralelamente com esta necessidade de independência, assiste-se a uma concentração progressiva da criança em si mesma. Dos seis aos dez anos, passara do jogo individual ao jogo colectivo, de alguns amigos ao grupo, depois ao bando. Em seguida, o leque fecha-se e, aos doze anos, entra-se na idade do amigo preferido, do confidente a quem a criança se entrega com mais facilidade do que aos pais. Entra-se também no período da puberdade pròpriamente dita, que se caracteriza pelo amor por si mesmo, pelo «narcisismo».

É a idade dos sentimentos inexprimíveis, de uma agitação interior dissimulada, no rapaz, por uma máscara de impassibilidade, a idade em que a criança se julga incompreendida e compensa a sua sensação de insegurança por tendências para a megalomania. Como este período de retraimento narcísico coincide com o despertar dos impulsos sexuais, pode ser também a idade dos «maus hábitos», muito mais frequentes nos rapazes do que nas raparigas, cujo erotismo é mais difuso. Este problema deve ser tanto menos dramatizado quanto é certo que provoca já na criança uma activação do superego, isto é, censuras interiores.

Uma culpabilidade excessiva pode dar resultado inverso daquele que se procura: a criança fica bloqueada nessa fase. Ora, existem já nela tendências heterossexuais difusas, ainda inibidas, porque apenas desejam afirmar-se. E é o que sucederá pouco a pouco, quando, terminada a crise da puberdade, a criança entrar na categoria dos adultos.

Este artigo sobre a psicologia da criança pré-infantil constitui um complemento da série de artigos que temos publicado sobre a psicologia na puberdade e nos adultos.



O medicamento

Anti-depressor

de mais seguros resultados é o

Nidralen

O efeito benéfico faz-se sentir, em regra após um período que oscila entre os 3 e os 15 dias, podendo ir até 3 a 4 semanas. Para a maior parte dos casos, a dose de 3 comprimidos por dia é a indicada, devendo ser fraccionada durante o dia e não tomada à noite, porque pode provocar um certo grau de insónia.

Literatura e amostras à disposição dos Ex.^{mos} Médicos

No caso de uma

Bronquite acenhuada, com tendência

para se

TRANSFORMAR EM BRONCOPNEUMONIA

se se actuar prontamente com a

Penampla

consegue-se frequentemente dominar a sintomatologia e a bronquite passa a seguir a ter o quadro normal da «bronquite ligeira».

(Pedir literatura especial ao Laboratório Sanitas)

LABSTIX

TIRAS REAGENTES PARA ANÁLISES RÁPIDAS

Apenas em 30 segundos, cinco dados de base sobre o estudo da urina, obtidos simultaneamente com uma única tira:

pH
proteínas
glucose
corpos cetónicos
sangue oculto

AMES facilita o diagnóstico

REPRESENTANTE:

Medicinália

Sociedade de Equipamentos Hospitalares, S. A. R. L.
Rua do Conde de Redondo, 74 — LISBOA

UM NOVO FUNGICIDA

DE ALTA EFICÁCIA

GRISOMICON

antibiótico antifúngico contra os agentes das várias «tinhas» do coiro cabeludo, da barba, unhas e pele glabra. A posologia e duração do tratamento, muito variável para cada caso, estão particularmente detalhadas em literatura especial, que se enviará aos Srs. Médicos que a requisitem ao Laboratório Sanitas.